Agência Ciência Alagoas: o jornalismo a serviço do desenvolvimento e da cidadania[1]

Magnolia Rejane Andrade dos SANTOS[2]
Universidade Federal de Alagoas. Maceió, AL

RESUMO

Esta comunicação tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre a contribuição do jornalismo na promoção do desenvolvimento regional e local. O ponto de partida é o trabalho de divulgação científica que a agência de notícias Ciência Alagoas vem desenvolvento no Estado, desde 2007 quando foi contemplada como projeto transversal para financiamento pelo CNPq. Considerando os baixos índices de desenvolvimento humano e de alfabetização em Alagoas, quaisquer ações de caráter educativo sempre são relevantes. Porém, vislumbramos ir além do senso comum para encontrar uma singularidade na divulgação da ciência através do jornalismo, que represente um valor intríseco capaz de repercutir na formação crítica de cidadãos das classes populares na capital e no interior

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; ciência; divulgação; desenvolvimento

INTRODUÇÃO

A temática do presente Congresso da Intercom, "Quem tem medo da pesquisa empírica?", é uma provocação saudável para quem desenvolve experiências com a

[1]Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, que se realizará de 02 a 06 de setembro de 2011, em Recife

[2] Coordenadora da Agência Ciência Alagoas, professora do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Alagoas/UFAL. E-mail: magnolia@pq.cnpq.br

prática acadêmica da comunicação, em geral, e do jornalismo, em particular. Este é o caso da Agência Ciência Alagoas, cujo foco está centrado no cumprimento diário de pautas e na pesquisa de fontes. Pressionados, muitas vezes, por cronogramas e excesso de atividades frequentemente nos acomodamos nos pressupostos teóricos e epistemológicos previamente determinados, esquecendo-nos de parar e refletir sobre esse fazer e sobre que tipo de lições diferenciadas dele podemos deduzir.

Considerando que a agência nasceu a partir de um edital do CNPq, articulado pelo Departamento de Difusão e Popularização da Ciência e Tecnologia, da Secretaria de Ciência e Tecnologia para Inclusão Social do CNPq, a nossa reflexão foi guiada pelos pressupostos preconizados pelo Edital do finamciamento e também consideramos o contexto socio-econõmico e cultural onde a agência se insere. Com isso observamos que há uma convergência de interesses extrínsecos da agência, através do fomento; e intrísinsecos, referentes às demandas por novos conhecimentos da própria sociedade local. O ponto de encontro desses dois aspectos é o desafio de transformar o conhecimento em notícias e de se considerar a repercussão das mesmas na vida das pessoas.

Há um consenso geral de que todo conhecimento científico pode fornecer subsídios para estabelecimento de políticas públicas e para a formação cultural e científica do cidadão. Considerando esses fatores, o jornalismo científico é fator decisivo para o desenvolvimento das condições de vida da população local.

> Além de comunicar fatos científicos, idéias,processos, o jornalista deve entender e tratar do contexto em que a ciência é gerada e usada, de sua gênese, que é também política e econômica, de seus efeitos e entrelaçamentos sociais e culturais às vezes dramáticos(CASTELFRANCHI,In MASSARANI E POLINO, 2008,18).

Apesar de se propor a ter uma abrangência regional, o foco prioritário da agência é ser capaz de cobrir a capital Maceió e os 101 municípios restantes. Mesmo considerando que esse é o segundo menor estado brasileiro, nosso objetivo não é fácil de ser atingido devido ao alto grau de exclusão social, econômica e política a que os alagoanos estão

submetidos. O que é confirmado pelos índices sócio-econômicos[3]: 1. pior Índice de Desenvolvimento Humano(IDH) do país: 0,677; 2. maior taxa de mortalidade infantil: 46,4 óbitos de crianças para cada mil nascidas vivas; 3. menor expectativa de vida, 67,6 anos; e 4, maior porcentual nacional de analfabetos: 25% das pessoas acima de 15 anos não sabem ler. A falta de saneamento básico, de assistência médica e hospitalar e os altos índices de violência tornam a situação ainda caótica, com poucas perspectivas de solução em curto ou médio prazo.

Nesse contexto "dramático", como menciona CASTELFRANCHI na citação anterior, é imprescindível o questionamento sobre a responsabilidade social do jornalismo, em geral, e do papel da Agência Ciência Alagoas inserida nesse quadro local. A nossa primeira sensação é de impotência diante do gigantismo dos problemas e da falta de credibilidade por parte dos colegas da academia, que questionam a eficiência do projeto para chegar até às camadas populares, analfabetas, e excluídas tecnologicamente.

Com essa reflexão mais conceitual sobre a missão da agência, nos demos conta de que estivemos privilegiando o aspecto tecnológico em prejuízo da mesma. Assim, os desafios impostos pelas dificuldades técnicas acabaram por se impor e nos levaram a participar fóruns e eventos que abordam mais aspectos relacionados com o processo digital. Para corrigir essa rota, iniciamos o diálogo com o grupo Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local a fim de fazer da meta o nosso foco.

RESGATE: PRIMEIRA FASE

Para a melhor compreensão do papel da agência de notícias Ciência Alagoas é preciso fazer um resgate desses quatro anos de existência do projeto, delimitando claramente as duas fases que marcam as diferentes formas de fazer divulgação científica na internet. Na primeira etapa, desde o início em 15 de julho de 2007 até dezembro de 2009, o foco era a veiculação radiofônica, enquanto que na segunda fase, de 2010 até agora, o direcionamento passou para as redes sociais.

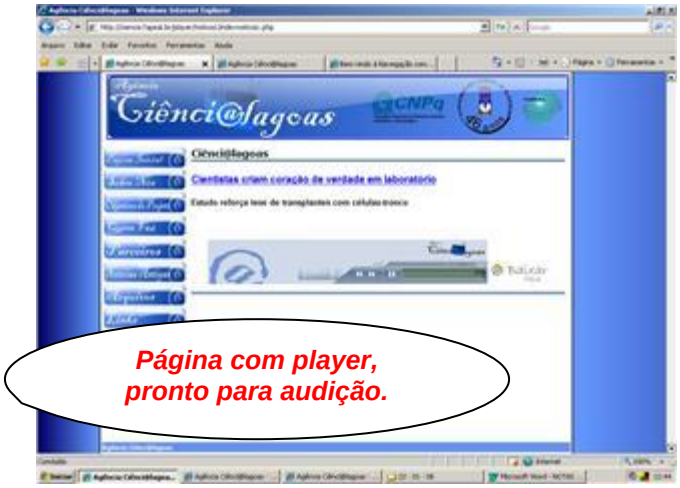
Contemplada com o CNPq, através do Edital MCT/CNPq 12/2006, a Agência Ciência Alagoas iniciou suas atividades no segundo semestre de 2007, tendo como linha de ação

[3] Dados divulgados pela Agência Brasil, em 03/10/2010. http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2010-10-03/alagoas-registra-pior-idh-e-maior-taxa-de-analfabetismo-do-pais Disponível em 17/07/2011.

a produção de conteúdos de divulgação científica destinados à veiculação em emissoras de rádio e internet. Com os recursos recebidos, foi viabilizada a infraestrutura tecnológica(aquisição de computadores e equipamentos de áudio) para montar a redação e estúdio de gravação da Agência.

O trabalho consistia na disponibilização de forma gratuita, diariamente, média variável entre 3 e 5 conteúdos noticiosos em C & T em áudio destinados especialmente à veiculação, divulgação e popularização junto à sociedade alagoana. A linguagem desse material se caracterizava pela redação de breves notas, entre 1 a 2 minutos de duração, eventualmente com a inclusão da falas dos entrevistados.

Agência adotou a tecnologia já bastante disseminada do Streaming. Esta tecnologia permite a transmissão de informações em "pacotes", da Rede Internet para os computadores dos usuários, de maneira contínua. E esta continuidade faz com que o usuário usufrua do serviço, ou seja, tenha acesso ao conteúdo, sem interrupções e forma ágil. A tecnologia do Streaming difere do simples download de arquivos, pois no download o arquivo (dado, conteúdo, informação) primeiro é "baixado" para depois ser executado. Com o Streaming, a informação é descarregada e executada no computador seqüencialmente, causando sensação de instantaneidade, em especial para usuários com acesso à Rede Internet por conexão de banda larga.



Agência Ciênci@lagoas: após clicar no título da notícia, usuário acessava ao conteúdo on line em áudio.

Com a finalidade de viabilizar mais de uma opção de acesso ao usuário, além do Streaming, a Agência Ciência Alagoas oferecia também seu conteúdo em Pod Cast, (formato de áudio compactado), para download em mp3, no caso do uso de conexões mais lentas. Os arquivos em áudio, assim como o website da Agência Ciência Alagoas e seus comandos de atualização estiveram hospedados, até 2009, no servidor da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas/Fapeal(http://ciencia.fapeal.br/). Porém, o acesso era feito através da página principal da UFAL(www.ufal.br/cienciaalagoas). Dessa forma, a Agência Ciência Alagoas ofertava, na primeira etapa, material gratuito às rádios, com o intuito de fornecer notícias a serem veiculadas livremente durante a programação dessas emissoras. Mediante essa oferta, a meta era pautar a programação das rádios alagoanas com notícias referentes à Ciência e à Tecnologia desenvolvidas no estado.

Para garantir a veiculação do material disponibilizado na Agência Ciência Alagoas pelas emissoras de rádio locais, foi elaborado um plano de relacionamento institucional junto a esses veículos, no intuito de informá-los a respeito da existência da agência online e da viabilidade de uso gratuito de seu conteúdo noticioso. Naquele contato com os comunicadores de rádios privadas, públicas e comunitárias, solicitávamos a divulgação do material, esclarecendo que o conteúdo noticioso da Agência Ciência Alagoas era gratuito, livre e voltado à emancipação cultural e educacional da população alagoana, uma vez que disseminar conteúdos referentes à Ciência e Tecnologia significava coletivizar saberes antes restritos a pequenos grupos. A equipe executora do

projeto realizou vários contatos e visitas às emissoras da capital e do interior. É interessante é que, naquele momento, constatamos que a maioria das emissoras do rádio alagoano já possuía acesso à Internet, pré requesito para o sucesso de nossa proposta.

No final de 2009, após quase três anos de funcionamento regular, começamos a ter problemas operacionais, como a manutenção dos equipamentos. Apesar de termos nos candidatado diversas vezes a novos recursos, não fomos contemplados e não pudemos fazer os consertos ou comprar novos materiais. Por outro lado, perdemos o espaço que ocupávamos na Assessoria de Comunicação da UFAL e fomos alojados precariamente na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da instituição, sem condições técnicas para as gravações. Tanto os sites da FAPEAL quanto da UFAL apresentavam espaço limitado para a hospedagem de sites acadêmicos de pesquisadores e/ou de grupos de pesquisa. No nosso caso, em especial, conseguimos a hospedagem, mas depois a perdemos porque o site exigia uma memória maior para os arquivos de áudio.

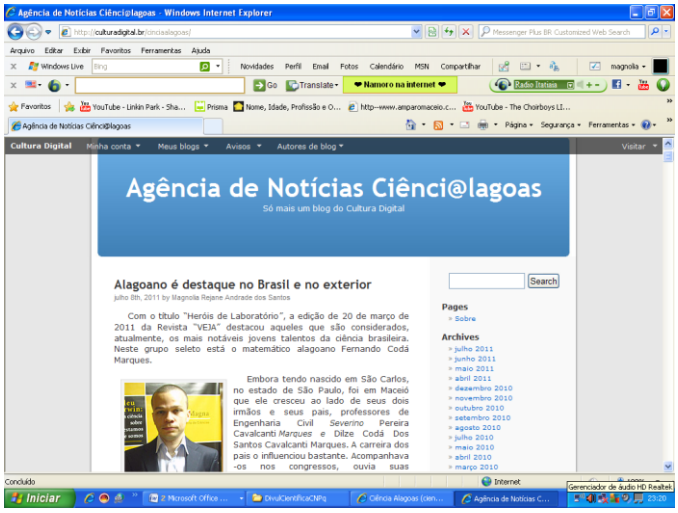
RESGATE: SEGUNDA FASE

Acreditando que "nova cidadania não pode prescindir de uma cultura científica (CAPOZZOLI, In OLIVEIRA, 2008,8) e para não deixar o projeto morrer, fizemos uma autoavaliação, decidindo abandonar a proposta dos textos em áudio e nos voltando, exclusivamente, para a divulgação científica através do jornalismo digital. A partir daí foram criados um blog(www.culturadigital.br/cinciaalagoas) e uma conta no twitter (@ciencialagoas). Com isso, de certa forma, perdemos a identidade institucional, mas nos livramos dos provedores ineficientes e limitados. Certamente em 2007, as redes sociais não estavam tão popularizadas e acessíveis como ocorria em 2010. Então, o projeto teve continuidade porque fomos contemplados pelo desenvolvimento extraordinário da internet que já oferecia inúmeras ferramentas de comunicação.

Nossa primeira decisão foi mudar o foco para a produção de notícias completas em um blog, tendo em vista que uma das coisas que nos incomodavam, no trabalho anterior, era o formato da notícia, isto é, apenas notas e um breve depoimento. Tínhamos muita sobra de material informativo, então, era chegada a hora de trabalhar com texto mais longos. A escolha do provedor foi um acaso feliz, pois resistíamos a idéia de nos hospedarmos em um portal genérico. Além de que, tendo sido financiados pelo CNPq, sentíamos a

necessidade estarmos em um espaço onde pudéssemos manter a identidade de comunicação pública.

Assim, descobrimos o culturadigital.br, uma rede social criada pelo Ministério da Cultura, sob a gestão do ministro Gilberto Gil. Lá encontramos sites de artistas, produtores culturais, pesquisadores, tecnólogos, pessoas e grupos interessados em desenvolver algum tipo de trabalho dentro dos campos da arte, cultura, da ciência e tecnologia. Daí, criamos o blog Agência de Notícias Ciênci@lagoas(www.culturadigital.br/cinciaalagoas), onde publicamos textos, classificados em três categorias: notícias, reportagens e perfis. Como a linguagem do portal utiliza como suporte o Wordpress, podemos postar textos, fotos, vídeos e áudios. Porém, até agora só temos utilizado texto e fotos coloridas, testando possibilidades e vendo até onde podemos inovar e tornar nosso blog mais hipertextual. Eventualmente, podemos publicar alguma matéria de terceiros, identificando devidamente essa fonte. Conscientes das nossas dificuldades técnicas, escolhemos um formato padrão, disponibilizado pelo culturadigital, que é marcado pela simplicidade, com a diagramação das matérias em encadeamento linear.



A conta no Twitter(@cienciaalagoas) nasceu da nossa necessidade de promover uma divulgação ágil do blog, cada vez em que ele fosse atualizado. Entre outras opções, nos pareceu muito interessante a maleabilidade dessa forma de comunicação simplificada porque poderíamos divulgar outras informações, além daquelas que já tínhamos pautado para o blog. Esse protocolo de seguir e ser seguido também nos pareceu bem promissor

porque estabelece um relacionamento direto entre a equipe e seus seguidores, abrindo a possibilidades do diálogo, através de críticas e sugestões. Hoje temos como seguidores estudantes, comunicadores, pesquisadores e seguidores institucional que atuam em C & T no Estado, como é o caso da @Ascom_IZP, @ufal, @TVBrasil etc. Finalmente, os twitts, veiculados por esses seguidores, muitas vezes têm contribuído como importante sugestões de pauta.

Do ponto de vista da formação dos bolsistas, alunos de jornalismo, trabalhar com diversos gêneros digitais tem sido muito estimulante porque os obrigam a interagir com fontes heterogêneas, a aperfeiçoar a redação, a ter iniciativa e ao raciocínio rápido para atuar na edição em diferentes contextos.

CONTRIBUIÇÃO EMPÍRICA

Concluída essa breve apresentação da divulgação científica que estamos desenvolvendo na Agência Ciência Alagoas, retomamos a nossa reflexão sobre esse trabalho como espaço também de pesquisa empírica, onde os sujeitos pesquisadores e pesquisados estão em interação mútua para aprendermos a divulgar e pensar o fazer científico de forma dialógica, como um bem cultural que pertence a todos. Nosso recorte social se configura no território alagoano, considerando as dramáticas condições sócio-econômicas que afligem seu povo. Embora façamos um jornalismo digital, nossa comunicação é um processo de interação efetiva, buscamos o sujeito receptor nos eventos, emissoras e escolas, universidades e em todas as oportunidades que se

apresentarem. Nosso objetivo é divulgar a ciência para cidadão de carne e osso, convivendo e dialogando com eles.

Nesses quatros anos de luta em prol da divulgação científica, conseguimos sistematizar alguns subsídios que podem ser úteis para a consolidação de uma educação científica do alagoano e para o desenvolvimento local. Esses subsídios colocam em evidência a necessidade de uma política estadual de fomento à divulgação científica, estimulando a parceria entre instituições públicas, em todos os níveis, e privadas para a promoção da ciência. Essa forma colaborativa tornaria possível o financiamento da formação especializada de profissionais na interface entre comunicação e a ciência, com bolsas e recursos para esses cursos.

Por outro lado, a experimentação que procuramos desenvolver na atividade jornalística também nos permitiu sistematizar alguns subsídios para a prática do jornalismo científico, que melhor traduzimos nas seguintes sugestões:

- Refinar buscas na Web para pautar e produzir reportagens com uso de bancos de dados;
- Estimular a participação dos pesquisadores e técnicos na própria produção e avaliação da notícia, contribuindo aumentar sua credibilidade;
- Buscar novos modelos de notícia considerando diferentes públicos e a diversidade de linguagem de cada veículo.

Assumimos o risco de tais sugestões parecerem por demais óbvias. No entanto, consideramos importante destacar esses três aspectos refletem as duras lições que temos aprendido com os nossos erros. O uso de banco de dados é uma alternativa atraente, mas é preciso saber ser seletivo e distinguir uma fonte com credibilidade efetiva. Permitir a ingerência na construção da matéria não significa ser submetido ao saber dos especialistas. Há formas respeitosas de diálogo, afinal não se trata de uma corrida insana para determinar quem é o superior, O trabalho conjunto atende à demanda de informar melhor e com mais clareza. Por fim, é preciso encarar a linguagem jornalística de uma forma dinâmica, ajustando-a à maleabilidade do hipertexto e seus gêneros digitais, sempre em constante mutação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomamos aqui à inquietação inicial, que nos colocou diante do questionamento de qual exatamente seria a missão da nossa proposta e se suas ações estariam, de alguma forma, contribuindo o desenvolvimento local. Despojados de quaisquer visões messiânicas, nossa constatação é positiva, isto é, nosso propósito tem sido guiado por um compromisso social, que já contabiliza alguns créditos no sentido de referendá-lo. Distintas em três categorias, essas contribuições têm sido feitas: a) ao processo de formação profissional; b) à interiorização da Universidade Federal de Alagoas; e à divulgação da ciência e tecnologia alagoana na sociedade em geral.

No que diz respeito à formação profissional, até agora, já tivemos 11 bolsistas do curso de comunicação; e três profissionais jornalistas/radialistas como chefes de reportagem e locutores. Além disso, a experiência da Agência já deu margens para várias comunicações e oficinas de jornalismo científico, um capitulo de livro e dois trabalhos de conclusão de curso, na habilitação de Jornalismo.

Por reforçar uma cultura virtual de aquisição do conhecimento, a agência Ciência Alagoas tem contribuído com o processo de interiorização do ensino presencial e com o sistema de ensino a distância da Universidade Federal de Alagoas A experiência de interiorização da UFAL está sendo implementada, desde 2006, com a instalação do campus de Arapiraca e de seus 3 pólos (Viçosa, Palmeira dos Índios e Penedo) e, em 2010, do campus do sertão em Delmiro Gouveia, com o Polo de Santana do Ipanema. Com isso, a produção científica e tecnológica da Universidade precisou ir além do seus muros e ganhar o (re)conhecimento da sociedade. Nesse sentido, a Agência Ciência Alagoas tem sido uma importante ferramenta como ação estratégica de tornar visível a produção acadêmica da Universidade a nível local e regional.

Antes inexistente no estado, a Agência iniciou o fomento de uma cultura virtual de divulgação de conteúdo noticioso sobre Ciência e Tecnologia. Ela preencheu assim uma lacuna histórica e, principalmente na primeira etapa, quando estava voltada para o ambiente da produção radiojornalística alagoana, oferecendo aos profissionais da comunicação no rádio a possibilidade de veiculação de informações em audio de interesse coletivo e com fins educacionais. Em termos gerais, temos procurado esclarecer o papel da ciência, humanizando o cientista e aproximando-o do cidadão

comum, em última instância também seu financiador. Estimulando o debate sobre C&T perante a opinião pública, temos procurado contribuir para o desenvolvimento de Alagoas e para a melhoria de vida de todos os seus cidadãos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JR., J. O. de et ali. Fontes de Informação Pùblica na Internet. In: TOMAÉL, M. I. e VALENTIM, M. L. P.(Orgs). **Avaliação de Fontes de Informação na Internet**. Londrina: Eduel, 2004.

CASTELFRANCHI. Para além da tradução: o jornalismo científico crítico na teoria e na prática. In MASSARANI, l. e POLINO, C. **Jornadas Iberoamericanas sobre la ciência em los meios masivos:** los desafíos y la evaluación del periodismo cientifico em Iberomerica (30 Jul e 3 Ago 2007). Santa Cruz de la Sierra (Bolívia) : AECI, RICYT, CYTED, SciDevNet, OEA, 2008. p.10-19.

MACHADO, Elias et ali. Jornalismo em Portais Regionais em Austin e Salvador: (um estudo comparado de Statesman.com e a Tarde Online). In: JAMBEIRO, Othon e SATRAUBHAAR, Joseph (Orgs). **Informação e comunicação**: o local e o global em Austin e Salvador/ Salvador: Edufba, 2004.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2002.

SANTOS, M. R. A. dos et ali.. Agência Ciênci@lagoas: um relato de uma experiência. In: SOUZA, Cidoval Morais de (Org.). **Jornalismo científico & desenvolvimento regional:** estudos e experiências. 426 ed. Campina Grande: EDUEP, 2008, v. 1, p. 206-216.

TOMAÉL, M. I. de e t ali. Críticas de Qualidade para avaliar fontes de informação na Internet. In: TOMAÉL, M. I. e VALENTIM, M. L. P.(Orgs). **Avaliação de Fontes de Informação na Internet**. Londrina: Eduel, 2004.

TONHOLO, Josealdo(Org). **Gestão em Ciência e Tecnologia:** textos alagoanos. Maceió: Edufal, 2001.

.